

Relatório do Bird apresenta propostas

São Paulo — A melhoria das condições de saúde nos países do Terceiro Mundo, através de políticas oficiais, deve ser realizada em três frentes. Primeiro, que os governos promovam um ambiente econômico que possibilite às famílias a melhoria de sua própria saúde. Segundo, que os gastos na área da saúde sejam reorientados para programas mais econômicos, beneficiando os pobres em especial. E em terceiro, que haja maior diversidade e concorrência no financiamento e prestação de serviços de saúde. As recomendações básicas fazem parte do Relatório sobre “O Desenvolvimento Mundial 1993: Investindo na Saúde”, que o Banco Mundial (Bird) divulgou ontem oficialmente para todo o mundo.

O relatório inclui indicadores do desenvolvimento mundial com dados estatísticos sociais e econômicos sobre 127 países, incluindo as novas nações criadas pelo desmembramento da antiga União Soviética. Seus autores afirmam que o setor de saúde pública melhorou muito no Primeiro Mundo, mas não evitou que uma criança em dez continue morrendo antes dos cinco anos de idade nos países em desenvolvimento. Se os países em desenvolvimento chegassem ao nível dos

países ricos, 11 milhões de vidas seriam salvas todos os anos. Dos 168 bilhões de dólares gastos por ano em saúde pelos países pobres, apenas uma pequena parte é destinada a programas eficazes, de baixo custo (controle e tratamento de doenças infecciosas e da desnutrição) em benefício direto dos pobres, avalia o Banco Mundial.

Segundo o presidente do Bird, Lewis Preston, “como já mostrou a experiência de vários países em desenvolvimento, é possível a realização de reformas significativas na política de saúde. A comunidade doadora pode ajudar, financiando os custos transitórios da mudança, especialmente nos países de baixa renda”. Depois de citar alguns avanços da saúde no mundo (por exemplo, que nos últimos 40 anos a esperança de vida subiu mais do que em qualquer época), o documento ressalta que “continuam existindo enormes problemas de saúde. Os níveis absolutos de mortalidade nos países em desenvolvimento ainda são inaceitavelmente elevados: as taxas de mortalidade infantil são cerca de dez maiores do que as das economias de mercado estabelecidas”.

Um trabalho inovador da equipe de técnicos que elaborou o

relatório foi a criação de um sistema de medição do ônus das doenças, o Ano de Vida Ajustado por Debilitações (Avad), combinando os anos de vida perdidos em consequência de mortalidade prematura com os perdidos em virtude de incapacitação. “De uma para outra região verifica-se uma enorme variação nas perdas de Avad **per capita**, devido principalmente a diferença quanto a mortalidade prematura, são muitos menores as diferenças regionais em perdas de Avad em virtude de incapacitação. A perda total de Avad dá-se o nome de ônus global das doenças”, explica o relatório.

Um dos autores do relatório, o norte-americano Philip Musgrove, que veio ao Brasil para sua divulgação, explicou que o objetivo do Banco Mundial não é impor linhas de ação aos governos, nem oferecer receitas para qualquer país em particular, mas propor recomendações gerais com base nos dados e estudos levantados nos últimos 12 meses. Basicamente, o documento sugere que as ações de saúde dêem prioridade às populações carentes, levando em conta a relação custo-efetividade e definam bem as áreas de presença dos governos e das instituições particulares.